



## **Ecologia da Mídia: uma perspectiva para a comunicação<sup>1</sup>**

Adriana BRAGA<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ

### **Resumo**

Este artigo busca explorar algumas questões teóricas pertinentes ao estudo de fenômenos comunicacionais, a partir da perspectiva da chamada “Ecologia da Mídia,” campo teórico bastante fértil e pouco explorado no universo acadêmico brasileiro. Esta perspectiva, relacionada com a teoria materialista da comunicação e caudatária dos aportes da Escola de Toronto (McLuhan, Innis, Postman), estuda os meios de comunicação como ambientes da ação humana, uma perspectiva que inclui as dimensões materiais, históricas, econômicas e interacionais dos processos comunicacionais, apresentando-se como um aporte teórico promissor para o estudo de fenômenos do campo da comunicação.

### **Palavras-chave**

comunicação; materialismo; ecologia da mídia.

Neste artigo, busco refletir sobre a perspectiva ecológica da mídia, a partir da discussão acerca de algumas raízes filosóficas que presidem ao surgimento do campo teórico-metodológico deste ângulo de investigação. Ponto chave nesta abordagem é a noção de processo midiático a partir de sua materialidade, posição que se relaciona com premissas da vertente filosófica denominada materialismo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP Teorias da Comunicação, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Comunicação Social da PUC/RJ. Email: adrianabraga1@yahoo.com.br



## **Comunicação no concreto**

O termo ‘materialismo’ foi empregado pela primeira vez em 1674, na obra *The Excellence and Grounds of the Mechanical Philosophy*, de Richard Boyle, e que designa, de modo geral, toda doutrina que atribua causalidade à matéria (ABBAGNANO, 1998, p. 649). Existem diversas perspectivas denominadas ‘materialistas,’ com relativamente pouco em comum, como os materialismos cosmológico (uma filosofia da natureza, próxima do atomismo), metodológico (uma epistemologia do conhecimento), prático (uma filosofia moral, próxima do hedonismo) e psicofísico (uma fisiologia do conhecimento), além das vertentes autônomas e relacionadas do materialismo histórico (método historiográfico marxista por excelência) e materialismo dialético (filosofia oficial do comunismo).

Dentre estas diferentes vertentes, elementos para uma teoria das materialidades da comunicação podem ser encontrados – embora pouco desenvolvidos – no materialismo psicofísico. Nesta concepção, os fenômenos psíquicos são causados estritamente por fenômenos fisiológicos: o espírito humano e seus produtos seriam epifenômeno da base neural-fisiológica.<sup>3</sup> Atribuindo menos ênfase ao aspecto orgânico-fisiológico desta concepção, encontraremos uma espécie de ‘determinismo da matéria,’ isto é, um reconhecimento das condicionantes de ordem material (naquele caso, dos limites sensoriais) nas ações do espírito delas resultantes.

O ato comunicacional está necessariamente assente em um suporte material que formata/configura a mensagem e a própria atividade comunicativa. As atividades comunicativas são caracterizadas principalmente por sua natureza prática, condições de produção que envolvem as possibilidades de participação promovidas pelo suporte técnico, o uso do corpo, a inserção da atividade dentro de um espaço físico, ou seja, circunstâncias materiais de apropriação dos meios.

Neste sentido, é importante destacar o desafiador aporte teórico de Hans Ulrich Gumbrecht, denominado ‘materialidade da comunicação.’ Gumbrecht (2004) coloca-se em oposição à tradição hermenêutica da filosofia ocidental. De acordo com

---

<sup>3</sup> Esta perspectiva sustenta vários ramos da ciência médica até hoje, como a neuro-ciência, por exemplo, em pesquisas sobre a atividade mental como resultante da ação de neuro-transmissores.



essa vertente, a interpretação, isto é, a identificação e/ou atribuição de sentido é a prática exclusiva das Humanidades e das Artes. Partindo da convergência entre ‘materialidade’ e ‘materialismo,’ a perspectiva de Gumbrecht se relaciona com o materialismo histórico, embora não se filie a este. Sustentando a necessidade de ter em consideração, no estudo dos fenômenos comunicacionais, a base material que possibilita a veiculação do sentido, Gumbrecht define seu tópico de estudo nos seguintes termos: “Materialidades da comunicação são todos aqueles fenômenos e condições que contribuem para a produção de sentido, que não sejam os próprios sentidos.”<sup>4</sup> (GUMBRECHT, 2004, p. 8)

Para ele, a dominação absoluta da interpretação e identificação do sentido, denominada por ele como o “paradigma metafísico,” tidas como atividade acadêmica por excelência, deve-se a dois séculos de institucionalização da hermenêutica. Ou seja, desde que o *cogito* cartesiano tornou a ontologia da existência humana dependente exclusivamente dos movimentos da mente humana, deixando de lado, ou mesmo esquecendo, os efeitos da tangibilidade emergente das materialidades da comunicação.

O paradigma de Gumbrecht, então, assenta na questão de como (e se) a mídia e as materialidades da comunicação podem ter um efeito nos sentidos que elas veiculam. Embora Gumbrecht não cite McLuhan entre os autores de sua afinidade,<sup>5</sup> pode-se perceber uma linha de continuidade entre a teoria das materialidades da comunicação e a reflexão decorrente do aforismo “o meio é a mensagem,” que marca uma posição similar: existe uma ideologia na própria tecnologia que permite a veiculação do conteúdo, que o condiciona e formata. Nesta perspectiva, a separação tão facilmente aceita entre materialidade e sentido, ou entre uma tecnologia e os conteúdos por ela veiculados, deixa de ser óbvia. Para ele, todas as culturas e objetos culturais podem ser analisados como configurações de ambos, de “efeitos de sentido” (*meaning effects*) e “efeitos de presença” (*presence effects*), demandando uma combinação bem mais complexa entre as duas, salientando que uma maior atenção nos componentes da presença material poderia enriquecer o trabalho analítico no contexto das Humanidades.

---

<sup>4</sup> Tradução pessoal. No original: “*Materialities of communication are all those phenomena and conditions that contribute to the production of meaning, without being meaning themselves.*”

<sup>5</sup> Um precursor de Gumbrecht – reconhecido pelo próprio autor – é Walter Benjamin (1985), cujo famoso ensaio sobre a obra de arte na era da reprodutibilidade técnica suscita a questão da “aura” como característica imanente ao objeto artístico original, provocando efeitos físicos sensíveis – materiais – no espectador. Para Benjamin, desenvolvimentos tecnológicos produzem uma reestruturação da percepção e da interação humana, antecipando em algumas décadas a posição de Ong, Innis e McLuhan, além, do próprio Gumbrecht.



A mensagem ideológica e os efeitos da presença dos meios de comunicação nos contextos sócio-culturais têm sido objeto de reflexão de teóricos de diferentes escolas, como visto acima, mesmo que não estejam explicitamente associados à vertente das escolas mencionadas. O tópico de estudo denominado *Human-Computer Interaction* (HCI), por exemplo, apresenta aportes teóricos de várias disciplinas, como psicologia, sociologia, ergonomia, educação, ciência da computação, engenharia de *software* e inteligência artificial, ao lidar com fatores humanos associados com as interfaces dos computadores, a considerar aspectos tais como níveis de conhecimento, ambiente de trabalho, produtividade e satisfação.

Outra perspectiva teórica, mais convergente com o materialismo histórico, pode ser identificada no argumento de Harold Innis, em *The Bias of Communication*, de 1951. Innis, um dos principais teóricos dos estudos da comunicação moderna, precursor da chamada Escola de Toronto, discute neste livro as mudanças sociais decorrentes da introdução de uma nova tecnologia em uma cultura, referindo-se ao poder acumulado por aqueles/as que detêm o saber especializado para controlar seu funcionamento. O poder se desloca de mãos na medida em que o grupo que dominava um conhecimento tradicional é deposto pelo grupo que tem acesso ao saber especializado disponibilizado pela nova tecnologia. Assim, “monopólios do conhecimento” são erguidos e derrubados, distribuindo de modo desigual os inevitáveis ônus e bônus da implementação de determinado recurso tecnológico (INNIS, 1995 [1951]).<sup>6</sup>

Proveniente da mesma escola, Marshall McLuhan, na década de 1960, sintetiza o impacto da estrutura tecnológica sobre seu uso no conhecido aforismo “o meio é a mensagem.” As idéias e escritos do canadense, considerados irrelevantes e até mesmo ingênuos quando da sua morte em 1980, parecem ganhar novo fôlego diante dos usos e possibilidades em informação e comunicação abertas pelo suporte técnico da Internet. As noções “aldeia global” e “o meio é a mensagem” (MCLUHAN, 1994 [1964]) – que tenta sobrepor o impacto social, psicológico e sensorial provocado pela introdução de um meio de comunicação em detrimento de seu próprio conteúdo – parecem apropriadas, esclarecedoras e premonitórias dos arranjos sócio-tecnológicos que se apresentam.

---

<sup>6</sup> Essa posição representa um importante aporte teórico contemporâneo na Economia Política da Comunicação.



O fato é que as mudanças tecnológicas em si não validam a re-introdução deste aporte teórico como instrumento para exame dos novos ambientes de mídia. Não obstante o esforço do núcleo de pesquisadores/as de Toronto em explorar correlações entre tais conceitos e as mídias atuais, vários/as autores/as encontram limitações graves nesta transposição teórica. Uma série de argumentos demonstra a deficiência da avaliação determinista e monolítica de McLuhan em combinar averiguações tecnológicas com políticas, apontada já nos anos 1970 e reafirmada para os arranjos sociais mais recentes.

No que respeita às limitações históricas das idéias de McLuhan, Chistopher Horrocks (2001) é taxativo ao sustentar que os esforços em relacionar tais teorias com a era atual das comunicações são minados pelos problemas estruturais do trabalho original.

É sua falta de engajamento com a economia política dos meios de massa e sua recusa em considerar o conteúdo da mídia de qualquer outra forma que não seja a irrelevância. Não há lugar em sua tese para a análise do papel de resistência à mensagem do meio, e um cínico poderia argumentar que há apenas uma tênue possibilidade de que o mchuanismo possa sobreviver sem passar por uma radical reorientação para fatores políticos e sócio-econômicos. Uma crítica geral sobre o trabalho de McLuhan teria que considerar temas relativos ao capital global multi-corporativo, acesso a novas tecnologias, vigilância e censura e monopolização de software.<sup>7</sup> (HORROCKS, 2001, p. 62)

## **A perspectiva ecológica**

As idéias e conceitos do teórico Marshall McLuhan têm sido revigorados e desenvolvidos por estudiosos/as da cibercultura pelo natural interesse despertado a partir do tema da “aldeia global” e sua confluência com o atual momento tecnológico. Em contrapartida, têm provocado uma reação negativa na forma de críticas severas entre aqueles/aquelas que se preocupam com as políticas que movimentam os altos dígitos da indústria da comunicação, que parecem acreditar que nada do que McLuhan disse poderia adequadamente articular a relação entre mídia, poder e comércio.

---

<sup>7</sup> Tradução pessoal. No original: “*This is its lack of engagement with the political economy of mass media, and its refusal to consider the content of media in any way of other than as an irrelevance. There is no room in his thesis for analysis of the role of resistance to the message of the medium, and a cynic might argue that there is only a slim possibility that McLuhanism can survive without undergoing what amounts to a radical reorientation to socio-economic and political factors. A thorough critique of McLuhan’s work would have to broach issues of multi-corporate global capital, access to new technologies, surveillance and censorship, monopolisation of software.*”



Entretanto, apesar da consistente reação sustentada por essa vertente crítica, que argumenta contra a idéia da comunicação sem fronteiras ou sem limites propalada por McLuhan – que desconsidera os limites políticos e econômicos dessa comunicação “ideal” – o mais famoso aforismo do autor canadense, “o meio é a mensagem,” parece poder ser lido de modo convergente com a preocupação desses mesmos pesquisadores/as seus opositores.

Para além de uma discussão baseada nos conteúdos veiculados e práticas surgidas, em que parecem estar focadas as duas posições mencionadas, uma reflexão sobre a ideologia embutida na tecnologia do computador é proposta na leitura de Neil Postman, que apresenta os dois lados da tecnologia, em seu bem e seu mal, numa visão muito particular, publicada em um livro que parece ter tido pouca repercussão no Brasil.

Em tempos de grande entusiasmo no meio acadêmico, motivado pelas possibilidades comunicacionais abertas pela tecnologia do computador no campo das mídias, o pesquisador norte-americano Neil Postman lançou, no início dos anos 1990, o livro *Tecnopólio*. O autor visava a atentar para o efeito bilateral de qualquer inovação tecnológica, que tanto é fardo quanto é graça, que faz e desfaz, que dá e toma. Nessa perspectiva, não seria possível uma tecnologia neutra, na medida em que os usos que fazem dela são condicionados, em grande parte, pela própria estrutura da tecnologia, que introduz ideologia própria, muda significados de palavras com raízes profundas.

O telégrafo e o jornal diário mudaram o que antes chamávamos de ‘informação’. A televisão muda o que antes chamávamos de ‘debate político’, ‘notícia’ e ‘opinião pública’. O computador muda a ‘informação’ mais uma vez. A escrita mudou o que antes chamávamos de ‘verdade’ e ‘lei’; a imprensa mudou-as mais uma vez e agora a televisão e o computador tornam a mudá-las. (...) a tecnologia se apodera imperiosamente de nossa terminologia mais importante. Ela redefine ‘liberdade’, ‘verdade’, ‘inteligência’, ‘fato’, ‘sabedoria’, ‘memória’, ‘história’ – todas as palavras com que vivemos. E ela não pára para nos contar. E nós não paramos para perguntar (POSTMAN, 1994, p. 18).

Além da alteração terminológica, ocorrem alterações no domínio do poder. Grupos de elite surgem por terem competência no uso da tecnologia, criando paralelamente outro grupo dos “incompetentes,” que garantem autoridade e prestígio ao primeiro grupo. Promovidos a sábios, não inspiram a questão:

a quem a tecnologia dará maior poder e liberdade? E o poder e a liberdade de quem serão reduzidos por ela?... As novas tecnologias mudam aquilo que entendemos como “conhecimento” e “verdade”; elas alteram hábitos de



pensamento profundamente enraizados, que dão a uma cultura seu senso de como é o mundo – um senso do que é a ordem natural das coisas, do que é sensato, do que é necessário, do que inevitável, do que é real. (POSTMAN, 1994, p. 21-22)

Toda ferramenta tecnológica carrega consigo um viés ideológico que predispõe uma construção de idéia de mundo específica, a valorização de certas coisas mais que outras, ainda que, dentro dessa nova ordem, outras clivagens se façam. Postman, a partir de uma surpreendente aproximação entre McLuhan, Marx e Wittgenstein, define como sendo este o sentido dado por esses autores com o aforismo do primeiro de que “o meio é a mensagem,” a afirmação do segundo de que a tecnologia revela o modo como o homem lida com a natureza, criando “condições de intercurso” para as relações interpessoais ou a afirmação do terceiro de que a linguagem, nossa tecnologia mais fundamental, não é apenas o veículo do pensamento, mas também o motorista.

O/a próprio/a inventor/a de uma tecnologia não tem elementos para prever os usos e alterações sociais conseqüentes de sua criação. Uma nova tecnologia compete com as existentes não só por tempo, atenção, dinheiro, prestígio, mas principalmente pela predominância de sua visão de mundo, fomentando alterações sociais, institucionais e intelectuais relevantes, que por sua vez, são redirecionadas pela sociedade. Sendo assim, analistas da vertente ecológica da mídia estão menos interessados/as na eficiência do computador como ferramenta de ensino ou comunicação, do que na alteração que promovem no significado das coisas na medida em que “as novas tecnologias alteram a estrutura de nossos interesses: as coisas *sobre* as quais pensamos. Alteram o caráter de nossos símbolos: as coisas *com* que pensamos. E alteram a natureza da comunidade: a arena na qual os pensamentos se desenvolvem,” fenômeno nomeado por Postman (1994, p. 29) como *tecnopólio*.

É de Neil Postman a autoria do termo “ecologia da mídia,” definido por ele em 1970 como “o estudo das mídias como ambientes.” No trecho abaixo, disponível no *site* da *Media Ecology Association*, Postman define sinteticamente a problemática concernente a esta perspectiva:

A ecologia da mídia investiga a questão de como os meios de comunicação afetam a percepção, a compreensão, os sentimentos e valores humanos (...). A palavra ecologia implica no estudo de ambientes: sua estrutura, conteúdo e impacto sobre as pessoas. Um ambiente é, afinal de contas, um sistema de



mensagens complexo que impõe aos seres humanos certas maneiras de pensar, sentir e se comportar.

- ele estrutura o que podemos ver e dizer e, portanto, fazer;
- ele nos atribui papéis e insiste em que os desempenhemos;
- ele especifica o que nos é permitido fazer e o que não é. Às vezes, como no caso de um tribunal, ou sala de aula, ou escritório, as especificações são explícitas e formais.

No caso dos ambientes de mídia (p. ex. livros, rádio, filmes, televisão etc.), as especificações são mais freqüentemente implícitas e informais, semi-ocultas por nossa premissa de que o que estamos lidando não é um ambiente, mas apenas uma máquina. A ecologia da mídia busca tornar estas especificações explícitas.<sup>8</sup>

Nesse mesmo sentido, Robert Logan (2005), de modo a entender como o uso da informática e da Internet tem impacto na cultura contemporânea, examina os meios de comunicação prévios, como a fala, a escrita, a matemática e a ciência, que juntamente com a informática e a Internet, formam uma corrente evolutiva de seis linguagens, segundo o autor. A partir da perspectiva tecnológica, Logan desenvolve um modelo para explicar a origem da linguagem falada e sua emergência da comunicação mimética, bem como a origem da ciência abstrata e da lógica dedutiva no Ocidente como efeito do alfabeto fonético.

Análise, codificação, decodificação e classificação são as habilidades cognitivas básicas envolvidas na ciência abstrata e na lógica dedutiva. Quando combinadas com a noção de lei universal surgida do monoteísmo e da lei codificada, têm-se todos os ingredientes para a ciência abstrata e a lógica dedutiva (LOGAN, 2005).<sup>9</sup>

A linguagem, nessa perspectiva, é definida como um método humano, não-instintivo, de comunicar idéias e emoções, bem como processar, armazenar e organizar informações através de significados de um sistema de símbolos produzidos de modo voluntário (LOGAN, 2002), ou seja, um sistema essencialmente para comunicação, produto de educação e cognição. Nesse sentido, o autor se distancia dos grandes nomes

---

<sup>8</sup> Disponível em: [www.media-ecology.org](http://www.media-ecology.org)

<sup>9</sup> Tradução pessoal. No original: “*Analysis, coding, decoding and classification are the basic cognitive skills involved in abstract science and deductive logic. When combined with the notion of universal law emerging from monotheism and codified law one has all the ingredients for abstract science and deductive logic.*”





da teoria da linguagem, como Chomsky, que entende a linguagem como um sistema formal auto-contido usado mais ou menos incidentalmente para comunicação, resultado de uma estrutura humana inata.

A considerar o aspecto ideológico da própria linguagem – entendida como tecnologia –, é possível dizer que a estrutura da linguagem caracteriza em grande parte o modo como as pessoas organizam informações e desenvolvem idéias, donde se conclui que a linguagem é, ao mesmo tempo, meio de comunicação e ferramenta informática (sistema de processamento de informação). Para Logan, embora essas seis linguagens – fala, escrita, matemática, ciência, informática e Internet – sejam únicas em seus próprios vocabulários e gramáticas, elas estão relacionadas por formarem uma corrente evolutiva de linguagens, isto é, distintas e interdependentes. Cada nova forma de linguagem emerge pela necessidade de lidar com a quantidade de informação excedente, impossível de ser expressa pela forma anterior. Sendo assim, a linguagem mais recente seria derivada e conteria elementos das formas anteriores.

A evolução tecnológica é contígua à evolução biológica, sustenta Levinson (1998) no pretensioso livro *The Soft Edge*. Nesta perspectiva, a tecnologia difere-se do modo biológico principalmente por ser um meio de alterar, transformar o ambiente buscando a adaptação da espécie ao invés da alteração da espécie para adaptar-se ao ambiente. O autor introduz a noção de “mídia remediadora” (*remedial media*), denominação para as tecnologias inventadas visando a solucionar problemas criados por tecnologias anteriores.

Neil Postman argumenta que a mensagem metafórica fundamental do computador é a de que somos máquinas, subordinando as reivindicações da nossa natureza, nossa biologia e espiritualidade, a exigir soberania sobre todos os domínios da experiência humana, ao sustentar que “pensa” melhor do que nós. A partir dessa ideologia, acredita-se que o melhor desempenho humano é quando este age como máquina, podendo assim ser satisfatoriamente substituído por uma. Segundo Postman, quando se perde a confiança no julgamento e subjetividade humana, desvaloriza-se também a capacidade ímpar de ter uma visão abrangente sobre as coisas em suas dimensões psíquicas, morais e afetivas, substituída pela crença no cálculo técnico. A tecnologia do computador contribui para acreditar-se que a inovação tecnológica implica em progresso humano; entretanto, ao passo que uma instituição ou evento pode



parecer mais imponente, mais técnico, com a automatização de suas operações, por exemplo, continuarão impolutas as imperfeições de suas teorias, idéias e suposições.

### **Considerações finais**

O cenário social contemporâneo, no qual coexistem avanços tecnológicos e desigualdades sociais, as atividades comunicativas são caracterizadas mais pela sua prática e uso que por sua natureza teórica. Assim, o acelerado avanço das tecnologias de telecomunicações demanda sofisticar o aparato teórico para investigar os fenômenos que estes processos originam, uma perspectiva que inclua as dimensões materiais, históricas, econômicas e interacionais dos processos. A perspectiva ecológica da mídia apresenta-se como aporte teórico-metodológico promissor para a compreensão e tratamento dos materiais oriundos dos meios de comunicação.

### **Referências bibliográficas**

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Production of presence: what meaning cannot convey**. California, Stanford University Press, 2004.
- HORROCKS, Christopher. **Marshall McLuhan and Virtuality**. Cambridge, Icon Books, 2001.
- INNIS, Harold. [1951] **The Bias of Communication**. Toronto, University of Toronto Press, 1995.
- LEVINSON, Paul. **The Soft Edge: A Natural History and Future of the Information Revolution**. New York, Routledge, 1998.
- LOGAN, Robert. "The Five Ages of Communication." In: *Explorations in Media Ecology* (1/1) pp. 13-20. New Jersey, Hampton Press, 2002.



\_\_\_\_\_. “The Origin and Evolution of Language and the Transformation of Meaning, Identity and Relationships in CMC.” In: BRAGA, Adriana (org.) **CMC, Identidades e Gênero: teoria e método**. Coleção Estudos em Comunicação. Covilhã/Portugal, Universidade da Beira Interior, 2005.

McLUHAN, Marshall. [1964] **Understanding Media: the Extensions of Man**. London, MIT Press, 1994.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia**. São Paulo, Nobel, 1994.